

## Do conceito à “nominalização” de Comunidade: análise das estratégias discursivas em telejornais brasileiros<sup>1</sup>

Patrícia Franck PICHLER<sup>2</sup>

Maria Ivete Trevisan FOSSÁ<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### RESUMO

Utilizando a análise crítica do discurso sob o viés de Norman Fairclough, este artigo tem por objetivo investigar qual compreensão acerca de comunidade que o telejornalismo brasileiro suscita através de suas estratégias discursivas. O estudo está ancorado na análise dos textos enunciados pelos telejornais Jornal Nacional e Jornal da Record, observando-se aspectos do controle interacional presente em suas operações languageiras. Percebemos, dessa forma, que o telejornalismo, no caso investigado, não está abordando comunidade em sua compreensão epistemológica, mas sim propondo uma outra dimensão de comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidade; Estratégias Discursivas; Análise Crítica do Discurso; Telejornalismo.

### INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a sequência de resultados<sup>4</sup> de pesquisa realizada sobre o discurso de comunidade no Brasil, durante os anos de 2011 e 2012. A problemática do trabalho questiona: que sentidos são enunciados pelo discurso telejornalístico brasileiro acerca de comunidade? Está-se tratando do conceito, da coletividade e suas características comuns, ou se está apresentando uma nova concepção, ampliando-se os significados e os entendimentos em torno de comunidade? Estes são alguns desafios teóricos que objetivamos elucidar a partir da análise proposta.

O trabalho de investigação iniciou com a revisão e a compreensão do conceito de comunidade em seu significado original, com o estudo dos autores Ferdinand Tönnies (1957), Martin Buber (1987), Raquel Paiva (1998), Márcio Simeone Henriques (2010) e Roberto Esposito (2007). Foram revisadas também as pesquisas de Boaventura de Sousa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a cidadania, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2013.

<sup>2</sup> Doutoranda do PPG em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: patricia.pichler@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Administração (UFRGS); Mestre em Comunicação Social (UMESP). Professora Associada do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. E-mail: fossa@terra.com.br.

<sup>4</sup> Primeira etapa da pesquisa publicada no artigo “O Conceito de Comunidade no discurso telejornalístico: um caso de relexicalização”, apresentado na DT Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul 2013.

Santos (2007) e Alain Touraine (2007), que serviram como um prisma para um olhar aberto e contemporâneo sobre as relações sociais e as coletividades.

A partir dessa revisão teórica, alcançamos a compreensão epistemológica do conceito comunidade, nosso significado potencial, a partir do qual guiamos a investigação acerca de que comunidade está tratando o telejornalismo brasileiro. Comunidade é, então, conceitualmente definida como uma coletividade que deve ser composta por sujeitos críticos, preocupados e envolvidos com seu contexto e que, por isso, é empoderada. A comunidade e seus integrantes, politizados e pertencentes por livre escolha aos grupos, reconhecem a si próprios como integrantes de determinada coletividade e, por isso, são também reconhecidos frente à sociedade. Os traços de cooperação, solidariedade e objetivos mútuos ainda são característicos, mas não fechados somente à sua realidade.

Com esta compreensão podemos identificar qualquer comunidade, seja constituída por ricos ou pobres, por letrados ou analfabetos, por muitos ou poucos integrantes, por moradores do centro ou da periferia, ou ainda, por uma mistura de pessoas social e culturalmente distintas. Sob esta conceituação pode estar a comunidade popular, a comunidade científica, a comunidade gay, a comunidade internacional, a comunidade negra. Enfim, o qualitativo é mera descrição e contextualização, pois a definição está em ser comunidade, o “ser e estar em comum”.

Para a investigação empírica valemo-nos da abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso (ACD), que utiliza a análise de práticas discursivas, compreendendo a linguagem como um fenômeno de prática social. Dentro desta linha da AD, Norman Fairclough trabalha com um enfoque social, considerando que a mudança discursiva está relacionada diretamente com a mudança social e cultural dos grupos sociais. Para o autor, de acordo com as transformações em nível cultural e social da sociedade, o campo social do discurso também é alterado, tornando-se riquíssima fonte de investigação acerca destas mutações.

A pesquisa tem como *corpus* os textos/discursos telejornalísticos dos programas Jornal Nacional (Rede Globo) e Jornal da Record (Record). Conforme pesquisa encomendada pelo governo federal<sup>5</sup>, os dois programas são responsáveis conjuntamente por 61,4% da audiência de telejornais brasileiros no horário “nobre”. O período de análise compreende os meses de outubro a dezembro de 2011, cujas reportagens foram todas capturadas através do site dos telejornais, arquivadas conforme mês de exibição e assistidas.

---

<sup>5</sup> Pesquisa aplicada pelo Instituto de Pesquisa Meta, solicitado pelo Governo Federal. Relatório publicado em dezembro de 2010.

As que continham referência ao vocábulo comunidade foram transcritas, chegando ao número final de 104 reportagens no *corpus*. De acordo com o avanço da análise, trechos das reportagens são destacados, como formações discursivas (FD).

### **Análise Crítica do Discurso e o controle interacional**

A abordagem crítica de Fairclough (2001) propõe uma investigação que atenta a muitos detalhes do texto investigado. Dessa forma, a análise foi estruturada em duas etapas, sendo observados na primeira os aspectos ligados ao vocabulário – significado das palavras e criação de palavras (PICHLER e FOSSÁ, 2012; PICHLER e FOSSÁ, 2013). Na segunda etapa, estendemos a observação sobre a estrutura textual (controle interacional, polidez e *ethos*), através da qual é possível focalizar “as formas em que o discurso contribui para processos de mudança cultural, em que as identidades sociais ou os ‘eus’ associados a domínios e a instituições específicas são redefinidos e reconstituídos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 175). Neste artigo, são apresentados os resultados obtidos pela observação do controle interacional.

O controle interacional é o item que verifica a organização do texto, a distribuição dos turnos de fala, de perguntas e respostas, para que ocorra uma interação regular entre os sujeitos envolvidos no discurso. Sob este aspecto é possível verificar quem controla o discurso, ou seja, quem define qual o rumo que o assunto/texto/conversa terá, o ritmo e a até mesmo a temática (Fairclough define como Modalidade). Este controle é percebido através de ciclos, que sucessivamente iniciam e encerram, dentro de um mesmo eixo, mas com a inserção de novos elementos para que o discurso não seja redundante.

Outra observação a partir da verificação do controle interacional é a formulação, que “se parece com uma forma particular de representação do discurso, na qual ele é parte de uma interação corrente” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 198). Citando Sacks, Fairclough compreende a formulação da seguinte maneira:

Um membro pode tratar uma parte da conversação como uma ocasião para **descrever** aquela conversação, para explicá-la, para **caracterizá-la**, para esclarecer, traduzir, resumir, **fornecer seu sentido**, ou observar que está de acordo com as regras, ou comentar seu afastamento das regras (SACKS, 1972 apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 198. Grifo nosso).

Seguindo o pensamento dos autores, o telejornalismo das redes Globo e Record também “constroem” suas notícias, caracterizando e fornecendo um sentido, sob diferentes rotinas jornalísticas, viés político-ideológico do grupo, escolhas particulares de elaboração

da matéria pelo próprio jornalista e disposição da reportagem no conjunto dos programas diariamente. Dessa forma, a cada dia, para cada emissora e telejornal, uma nova versão do conceito de comunidade é produzida e diversos sentidos são enunciados pelas redes de teleinformação do Brasil. Da mesma maneira, significados distintos são interpretados pelos enunciatários, também ancorados por seus contextos e seus repertórios social e cultural.

### **De que comunidade se está falando? Análise das estratégias discursivas em JR e JN**

Para melhor visualização e compreensão desta etapa, apresentaremos a análise das estratégias de controle interacional dos dois telejornais, Jornal Nacional (JN) e Jornal da Record (JR), separadamente. Por se tratar de um “texto” televisual, um ponto de destaque no contexto da análise desses objetos é a questão da imagem. Embora a imagem tenha destaque ao analisarmos objetos da televisão, como é o caso dos telejornais, o texto verbal se sobressai, pois existe certa hierarquia que o coloca em evidência (BONVILLE e VERMETTE, 1989 apud BECKER, 2010). Apesar de a imagem dar destaque e chamar a atenção do telespectador, o que dá qualidade à narrativa das notícias é o texto verbal (BECKER, 2010), que apresenta os dados e traz a informação propriamente dita. Dessa forma e concordando com a ACD utilizada, que prima pelo discurso textual/verbal, atentamos primordialmente às falas dos apresentadores, repórteres e entrevistados das matérias/notícias/reportagens analisadas.

Elaborando um quadro geral da utilização de comunidade no JR, fica evidenciado que no período analisado este telejornal foi responsável pelo maior número de reportagens com a presença de “comunidade”, 60 do total de 104 matérias do *corpus*, estando o maior número concentrado em temáticas como criminalidade (12) e tráfico de drogas (14). Na grande parte de seus textos televisuais em análise, o repórter é quem enuncia mais vezes (104) a palavra comunidade nas 135 utilizações; os apresentadores surgem em 23 enunciações e os entrevistados somente em 8.

Com estes números temos uma primeira constatação acerca da estratégia discursiva de controle interacional no caso do Jornal da Record, que este é praticado em grande escala pelos repórteres. “O repórter é o líder de uma equipe de externa. Dá o ritmo ao time, discute as necessidades do trabalho em campo, reúne as informações, faz as entrevistas e apronta o texto da reportagem” (CURADO, 2002, p. 46). Contudo, seu trabalho passará pela aprovação de editores, que estabelecem o tempo destinado às reportagens (CURADO, 2002), podendo assim fazer cortes ou sugerir/exigir o acréscimo de novas informações. Temos

assim, diversos turnos de fala, que de acordo com a forma como são editados, transpassam características diferentes de controle interacional no discurso.

Conforme Fairclough (2001), este controle define “um meio de explicar a realização e a negociação concretas das relações sociais na prática social” (p. 192). Nas FD abaixo, verificamos como o controle interacional é utilizado nos casos em que o Jornal da Record apresenta a comunidade próxima ao significado potencial.

Somente quatro reportagens do *corpus* do JR apresentam comunidade em seu sentido epistemológico. Nas FD 01 e 02 são apresentados dois casos com comunidades discursivamente diferenciadas apesar de formações coletivas parecidas, que reúnem sujeitos sob vinculação à terra, mas com destaque frente a uma questão política, econômica ou social levantada pelo telejornal.

#### FD 01

[...]

Narração repórter traduzindo: “— Esperamos por isso há anos, agora teremos paz” – **diz um morador de Misratra.**

Narração repórter traduzindo: “— Não consigo descrever a minha felicidade” – **afirmou esta mulher.**

Narração repórter: O Conselho Nacional de Transição também comemorou: “— É hora de surgir uma **nova Líbia**” – **disse o primeiro ministro.**

[...]

**Repórter (Herbert Moraes – Jerusalém/Israel):** A **comunidade internacional afirmou** que a morte de Kadaf representa o **fim** da ditadura e o **começo** da democracia na **Líbia**, mas analistas dizem que este é apenas mais um capítulo na revolução. [...]

(Jornal da Record, 20-10-2011)

A formação discursiva 01 traz a comunidade internacional, uma grande coletividade se vista em termos quantitativos. Qualitativamente ela não chega a ser exatamente definida pela reportagem, mas pelas trocas de turno inferimos ser constituída ao menos pela população líbia, conforme a participação de cidadãos e o pronunciamento do Primeiro Ministro, ouvidos pelo repórter, que em narração traduz suas falas. As três frases dos entrevistados estão de acordo com o que a comunidade internacional afirma acerca da morte de Kadaf, que simboliza um fim e um recomeço. Seus integrantes estão felizes pelo acontecimento que esperavam há anos, para que surgisse uma nova Líbia. Dessa forma, o repórter utiliza o controle interacional do texto como uma estratégia discursiva de fortalecer a informação que traz sustentada na afirmação da “comunidade internacional”.

Com esta interação textual a “comunidade internacional” não está assumindo um turno de fala, mas é representada por sujeitos que demonstram a importância desta mudança e que almejam mais transformações. Além disso, o repórter em seu texto a apresenta como uma comunidade que assume uma posição de atuação ao “afirmar” seu posicionamento, mesmo em frente a um cenário adverso. O contexto noticioso, apesar de abordar uma crise

na Líbia, que culmina com a morte de seu ditador, faz referência a um momento de transformação política, da qual seus indivíduos estão participando, não se sujeitando às imposições.

Em outras FD encontramos uma troca de turnos mais efetiva, passando da participação em vídeo dos repórteres aos entrevistados e com narrações em *off*. Nesses casos, nos quais encontramos a representação de uma possível comunidade em sentido epistemológico, as tomadas de turno não seguem uma ordenação regrada, elas ocorrem ocupadas majoritariamente por um representante do telejornal. Estas escolhas linguageiras são constituintes do quadro de estratégias discursivas do JR, que opta por um discurso que mantém sua “fala” superposta às demais. Isso pontua suas estratégias de controle interacional como “sistemas assimétricos de tomada de turno” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 193), o que remete aos estudos de Norman Fairclough quanto à interação entre poderosos (P) e não poderosos (N-P).

Em nosso objeto empírico, os poderosos são os representantes do telejornal, o conjunto tangível e intangível que constitui o enunciador Jornal da Record – da pequena função de bastidores ao importante papel de apresentador. Por sua vez os não poderosos são aqueles apresentados no decorrer da “conversação” da reportagem; aqueles que estão em desequilíbrio quanto à distribuição dos diretos e obrigações entre P e N-P no discurso, na enunciação.

Embora as reportagens sejam constituídas por grande parte de texto narrado, as entrevistas e opiniões exibidas são importantes recursos na ligação das ideias apresentadas pelo telejornal no conjunto de suas matérias. Nestes momentos de entrevista percebemos nitidamente a interação, como esta é organizada em torno das perguntas dos repórteres e que representação e sentido suscitam através da estrutura que assumem. A partir das tomadas de turno, da estrutura de trocas e do controle de tópicos podemos inferir como a estratégia de controle interacional da estrutura textual do JR está (re)construindo o conceito de comunidade.

Vejam agora as estratégias discursivas utilizadas no novo quadro semântico em torno do conceito (PICHLER e FOSSÁ, 2013), que propõe a comunidade “materializada”, como espaço físico. Com maioria dos turnos de fala posicionados na figura do enunciador repórter, encontramos diversas referências à comunidade como local, um lugar habitado, ocupado, que tem acessos, ruas, becos, casas (FD 02 e FD 03). Com esta estratégia o Jornal

da Record direciona e mantém o controle dos tópicos durante toda a reportagem, situando as demais informações e inclusive a participação de entrevistados.

#### FD 02

[...]

Repórter (Sylvestre Serrano – Rio de Janeiro/RJ): Polegar comandava o tráfico de drogas, antes da instalação da UPP aqui no morro da Mangueira. O traficante decidiu se esconder no Complexo do Alemão, para escapar das constantes operações policiais, mas acabou fugindo depois que a **comunidade** foi **ocupada** pelas forças de pacificação. [...]

(Jornal da Record, 19-10-2011)

#### FD 03

[...]

Apresentadora (Janine Borba): Quem vive na Rocinha sempre pediu segurança. Agora, a poucos dias da chegada de uma unidade pacificadora, surge o medo de um possível confronto entre policiais e bandidos. [...]

Narração repórter: Já são três dias de cerco, nenhum veículo sai da Rocinha sem ser revistado. As escolas dentro da **comunidade** não abrem hoje. Os moradores estão apreensivos.

Entrevistado: A gente fica esperando, né, que ninguém sabe o quê que vai dá ai.

Entrevistada: Acho que não tem muito o que falar não.

[...]

Narração repórter: [...] Os traficantes mantinham até uma refinaria na **comunidade**. Rocinha e Vidigal, o morro vizinho, são os únicos que ainda não foram pacificados na zona sul. A operação policial para instalar a UPP cria tensão nos vizinhos do asfalto.

Entrevistada: Ah, eu tenho muito medo que aconteça alguma coisa porque a nossa faculdade é muito próxima da Rocinha.

Entrevistado: A gente fica apreensivo de acontecer alguma coisa aqui.

(Jornal da Record, 10-11-2011)

Nas formações discursivas acima há a constituição de comunidade como favela, conforme os tópicos propostos pelos turnos de fala dos repórteres. A questão de tópicos e “as formas pelas quais as pessoas de fato conectam tópicos [...] permitem aprofundar a percepção sobre as preocupações da vida comum e a estruturação de senso comum do mundo da vida” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 195). A afirmação do autor é pertinente ao quadro discursivo de comunidade que estamos apontando aqui, pois a seleção de tópicos por parte do JR e a maneira como ele os conduz, indiciam uma aproximação à compreensão e à utilização popular do conceito.

Assim, conforme a reportagem vai sendo elaborada, os repórteres do Jornal da Record vão buscando referências e ancorando sua argumentação em frases de moradores, de habitantes dos locais apresentados em suas notícias. Nas reportagens analisadas, são poucas as participações de entrevistados, principalmente com presença de comunidade nas falas. Além disso, os enunciadores entrevistados são geralmente posicionados claramente como N-P, não cabendo a eles escolher o tópico ou redirecioná-lo, fazem geralmente breves afirmações que exemplificam o sentimento exposto pelo texto da matéria. Quando algum novo tópico é proposto, há logo a intervenção de P, retomando o controle interacional, tomando o turno de fala para si novamente.

Sob estas constatações verificamos que os sujeitos integrantes das comunidades enunciadas não estão em uma posição de ação frente à questão noticiada, como percebido nos casos em que comunidade vem alocada próxima à compreensão epistemológica. Com isso, a um reforço no posicionamento inferiorizado que é dado ao conceito, pois além de estar em uma enunciação que tem em seu contexto marcas de violência e de precariedade, os indivíduos das comunidades não são representados como Sujeitos, mas sim asujeitados.

Quanto à estratégia discursiva da formulação, esta é verificada nos textos audiovisuais do JR principalmente nos casos das reportagens que abordam comunidade como sinônimo das concentrações de minorias pobres e marginalizadas, esquecidas nos morros ou vales das cidades. O telejornalismo do Jornal da Record formaliza seu discurso acerca das comunidades a partir de um texto no qual, apresentadores e repórteres, enunciam, descrevem e caracterizam estes espaços através da pobreza, da precariedade, da falta e da violência. Ao fazer isso, fornecem um sentido que aos poucos pode estar posicionando o conceito como estereótipo da pobreza e da insegurança no Brasil.

A formulação como estratégia discursiva acerca de comunidade retrata como esta se situa nos meandros da violência, da insegurança. Outra forma de utilização da estratégia da formulação se dá acerca da estrutura das favelas, revelando na maioria dos casos a precariedade das moradias e a falta de serviços básicos, a exemplo da FD 04, retirada de uma reportagem que apresenta um giro por cidades e regiões importantes do Brasil. A notícia revela, com base nos dados do Censo de 2010, a situação de moradores que “vivem em áreas invadidas” ou comunidades, conforme ratifica o apresentador Celso Freitas. “Locais sem infraestrutura” e com “serviços básicos precários” – concordando com o panorama traçado nas formulações discursivas anteriores –, onde vivem mais de 11 milhões de pessoas.

#### FD 04

Apresentador (Celso Freitas): O IBGE anunciou hoje um **estudo inédito** sobre os brasileiros que vivem em **áreas invadidas, em locais sem infraestrutura** e com **serviços públicos precários**.

Apresentadora (Adriana Araújo): São mais de 11 milhões de pessoas. Uma população jovem, com média de idade de 28 anos. O estudo teve como base o censo do ano passado.

Apresentador: Os nossos repórteres mostram a vida nas **comunidades** que estão por trás desses números.

[...]

Narração Apresentador: Do RJ para SP. A região sudeste concentra metade dos **bolsões de pobreza** de todo país.

Repórter (Emerson Ramos – São Paulo/SP): O estado de SP tem a maior quantidade de pessoas que vivem em **comunidades como esta**. São mais de 23% do total de moradores de concentrações urbanas **deste tipo**. Aqui os **aglomerados** estão mais espalhados, principalmente nas **periferias** dos municípios. Nós estamos em Paraisópolis, que é apontada pelo IBGE como a maior **comunidade** do estado. [...]

[...]

Narração apresentador: Assim como SP, Brasília impressiona pelos extremos com a maior **ocupação irregular** do Distrito Federal.

Narração repórter: O Sol Nascente fica a poucos quilômetros do centro de Brasília. **Não está no morro**, mas surgiu da mesma forma que outras **comunidades carentes**. Aos poucos as pessoas foram chegando e **invadindo as terras**. Catorze anos depois são 56 mil habitantes segundo o IBGE.

(Jornal Nacional, 21-12-2011)

As informações trazidas pelas reportagens do JR e a demonstração da realidade da vida de muitos brasileiros, muitas vezes à margem do que conhecemos e do que nos é televisionado cotidianamente, são de fato relevantes para que a sociedade, órgãos e autoridades competentes sejam (re)informados sobre a situação destes cidadãos e se mobilizem mais frente à pobreza que acomete boa parte da população brasileira. Contudo, a apresentação deste cenário com a vinculação insistente do termo comunidade pode acabar por transformar também o contexto no qual o conceito é compreendido. A maneira como o Jornal da Record vem executando a estratégia discursiva do controle interacional, com o conjunto de operações discursivas e escolhas languageiras que faz, traz fortes indícios de uma “nova comunidade” apresentada aos telespectadores do telejornal.

A partir da observação das estratégias discursivas praticadas e enunciadas diariamente pelo JR, entre os meses de outubro a dezembro de 2011, percebemos que o conceito/termo/vocábulo comunidade é constantemente situado em um contexto de violência, crime, tráfico e pobreza, com breves apontamentos vinculados aos moradores das localidades retratadas, sua atuação e envolvimento social. Pela tomada nos turnos de voz, o JR demonstra sua preocupação em transformar as reportagens em um atraente produto, com pronunciado teor de drama, vinculando-se algumas vezes a um cenário de “guerra”.

Partimos agora à análise das FD enunciadas pelo Jornal Nacional. Do total de 104 reportagens que compõem o *corpus* de pesquisa, o JN está representado por 44; totalizando em seus conteúdos 78 utilizações de comunidade. Assim como o JR, o JN tem a maior parte dessas matérias concentrada em temáticas como, ocupação e pacificação das favelas e tráfico de drogas.

Quanto aos turnos de fala que contém comunidade, são os repórteres os detentores da maioria das falas com 55 enunciados, para 15 dos apresentadores e 8 dos entrevistados (mesmo número do JR). Analisemos então, como o Jornal Nacional apresenta o conceito/vocábulo comunidade em suas reportagens, no que tange ao controle interacional do texto, iniciando por aquelas que abordam ou se aproximam do significado potencial.

#### FD 05

**Apresentadora (Ana Paula Araújo):** Ambientalistas e moradores do sul da Bahia participam de uma **audiência pública** sobre a construção de um porto.

**Apresentador (Chico Pinheiro):** Se autorizada, a obra de R\$ 800 milhões de reais, vai **provocar mudanças profundas** na região.

**Narração repórter:** Praia de Aritaguá, litoral de Ilhéus, sul da Bahia. Este é o novo local escolhido para a construção do porto. Mais de 4 mil pessoas de cinco **comunidades vivem** na região. São **pescadores, trabalhadores rurais, pequenos produtores** de cacau.

**Entrevistado:** Eu to com 62 anos, então **nóis nasceu e se criou aqui dentro, nós qué fica aqui dentro.** [...] (Jornal Nacional, 29-10-2011)

Na formação discursiva 05, há uma sequência de turnos de fala que vem ao encontro de um padrão existente no telejornalismo: o texto do locutor (apresentador); o texto em *off*, narrado pelo(a) repórter; e a fala do entrevistado (CURADO, 2002). Esta interação vai construindo a notícia ao passo que constrói a conjuntura na qual está inserida a comunidade referida. A organização do discurso suscita uma coletividade representada de acordo com o que compreendemos epistemologicamente. Em primeiro lugar a estrutura do texto nos leva a perceber que os integrantes das comunidades estão envolvidos de maneira atuante no problema que enfrentam, pois junto a ambientalistas estão em uma audiência pública, conforme a fala da apresentadora, o que já os coloca ao lado do papel de sujeitos e não apenas integrantes.

A narração do repórter nos dá características destas coletividades, composta por trabalhadores da terra e suas famílias. A expressão “comunidades vivem” humaniza o conceito, significando “pessoas que vivem na região”, enquadrando-o no quadro lexical/semântico com base teórica. O turno de fala do entrevistado completa a caracterização do grupo enquanto uma comunidade legítima ao expor que eles nasceram e cresceram ali, naquela organização e espaço, vinculados àquela terra, e querem ali ficar, ou sejam, optam por pertencer por livre escolha. Todos estes traços externados pelo discurso e a construção estratégica da estrutura do texto suscitam uma comunidade que está para além dos limites físicos, não representa o local, mas sim as pessoas, seus moradores.

Pelo estudo das formações discursivas do JN, notamos como cada reportagem é produzida sob uma temática guia preestabelecida estrategicamente pela editoria do telejornal, o que conduz os turnos de fala dentro de uma modalidade (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, estes turnos e os tópicos abordados a cada notícia televisionada são escolhidos e modificados de acordo com uma programação anterior, sob a coordenação do repórter, mas com uma orientação de pauta definida pela edição do telejornal. No caso das estratégias discursivas do JN quanto à comunidade como conceito, inferimos que os turnos de fala são na sua maioria comandados pelos repórteres, assim como no geral de suas reportagens.

Assim como visualizamos no JR, o Jornal Nacional também aborda majoritariamente o termo comunidade inserido em uma modalidade que tende a suscitá-lo pejorativamente, reduzido e limitado ao espaço físico, ao seu significado como conjunto habitacional ou ainda favelas, pela grande inserção de notícias sobre o tráfico de drogas e as ocupações e pacificações no Rio de Janeiro. Quanto à enunciação acerca de comunidade apresentada como favela ou morro carioca, notamos uma diferença entre os telejornais. O controle de

tópicos no JN, seguindo um padrão diferente, culmina em cenários mais otimistas, que descrevem mais o desenvolvimento e as mudanças ocorridas, do que um relato exagerado da ação militar.

Vejamos isso no exemplo abaixo, através das estruturas de troca e controle de tópicos. Na FD 06 a reportagem trata sobre a ocupação da favela da Rocinha, mas apesar do contexto de perigo e de conflito, o Jornal Nacional propõe uma cobertura que prioriza mudanças na vida dos moradores. O apresentador inicia dizendo que a “ocupação” das comunidades gera “momentos de expectativa”. Esta expressão pode conduzir a tópicos diferentes, de cunho negativo ou positivo. Pela fala da repórter em passagem de vídeo somos induzidos a boas expectativas, o que fica evidenciado no turno de fala da entrevistada que diz “seja bem-vinda” à ocupação, pois os moradores da referida comunidade a vão “aceitar e confiar”, suscitando novamente serem sujeitos, que compreendem a situação que vivem e estão abertos à alteridade, para a ajuda.

#### FD 06

**Apresentador (Heraldo Pereira):** Moradores das **comunidades** que **serão ocupadas** e dos bairros vizinhos às favelas vivem **momentos de expectativa**.

**Apresentadora (Ana Paula Araújo):** É, todos torcem para que a operação seja tranquila e sem troca de tiros.

[...]

**Repórter (Tatiana Nascimento – Rio de Janeiro):** Como será a ocupação? Haverá conflitos entre bandidos e policiais? E os moradores de bem, terão finalmente a paz e a liberdade que sempre sonharam? Este é um momento decisivo, que pode **representar o antes e o depois** para milhares de pessoas que vivem aqui.

**Entrevistada (sem ser identificada):** Se for para o bem dos moradores que **seja bem-vinda** e a **gente vai aceitar... e vamos confiar**.

(Jornal Nacional, 12-11-2011)

Embora o inserindo num contexto baseado nas transformações e de como a vida nas “comunidades” está mudando, o conceito não deixa de ser retratado fora de seu eixo epistemológico. Mesmo valorizando a voz das pessoas que vivem nas favelas noticiadas, expondo seu envolvimento, suas preocupações, suas esperanças e certas vezes sua mobilização, não é a organização coletiva e as características inter/intrapessoais que estão sendo suscitadas. As estratégias discursivas do Jornal Nacional com relação à comunidade, assim como no JR, continuam promovendo um novo entendimento, ou a extensão do que compreendemos ao ouvirmos a palavra.

Nas FD 07 e 08 encontramos indícios de uma formulação que suscita claramente o ambiente inóspito/inadequado denominado por vezes por comunidade. Constante atuação de policiais e forças militares, “morte de moradores”, com “armamento pesado”, “criminosos que ainda estão nas comunidades”. Assim como inferimos no discurso do JR, o fazemos no caso do JN: comunidade remetendo a um contexto de violência, medo, desesperança.

## FD 07

[...]

Repórter (Lília Teles – Rio de Janeiro): Segundo a polícia, uma **prática comum** de Nem da Rocinha era **ordenar a morte de moradores** que contrariassem as suas determinações. Apesar da vasta ficha criminal ele nunca tinha sido preso. Aos 35 anos, nascido e criado na **comunidade**, se tornou o chefe do tráfico em 2005 e reuniu um **armamento pesado**, que ele e o bando de quase 200 homens gostavam de exibir. [...]  
(Jornal Nacional, 10-11-2011)

## FD 08

Apresentadora (Patrícia Poeta): No RJ o Exército aumentou a **presença de militares** no conjunto de favelas do Alemão. Seiscentos homens da Brigada Paraquedista acamparam hoje na serra usada como rota de fuga dos **bandidos** durante a ocupação em novembro do ano passado. A força de pacificação tem agora 2500 militares. Segundo o Exército, o reforço pretende impedir a **ação de criminosos que ainda estão** nas **comunidades**.  
(Jornal Nacional, 09-12-2011)

Outro aspecto que diferencia as estratégias discursivas do JN é o surgimento de outros espaços de moradia popular – que não as favelas cariocas – denominados também como comunidades. Nesses casos, todavia, mesmo longe do grande centro do tráfico de drogas, a comunidade é novamente formulada em um contexto negativo, que evidencia precariedade, pobreza, necessidades, esquecimento, como presente nas formulações discursivas abaixo. Trata-se da mesma estratégia discursiva da formulação, vinculada ao controle interacional do texto; o objeto/local é outro, a caracterização e o sentido são similares.

Dessa forma, constatamos uma formulação que ao passo da representação das favelas cariocas como comunidades, também segue pela mesma linha negativa e diminutiva destas localidades onde vivem muitos brasileiros. As reportagens informam sobre assuntos variados como a divisão do estado do Pará, construções para os eventos esportivos no país, desenvolvimento do Brasil e em meio a estas notícias surgem diferentes comunidades. No entanto, ao atentarmos para a construção discursiva acerca do sentido suscitado em torno de quem são e como estão estes grupos e suas moradias, percebemos serem muito semelhantes.

No exemplo da FD 09 há um panorama de “desenvolvimento”, mas há também “problemas antigos”, entre eles, “comunidades pobres”, que “vivem em palafitas”, “sem rede de esgoto” e “sem qualquer segurança”. Além de toda a precariedade, o enunciado ainda revela, sutilmente, que são lugares feios, é uma “terra de contrastes”, onde um lado “chama a atenção pela beleza”, e o outro?

## FD 09

[...]

Narração repórter: Na região que pode vir a se tornar um novo estado está sendo construída a usina hidrelétrica de Belo Monte. A **estimativa** é de que a obra **traga desenvolvimento e a migração** de até 100 mil pessoas para a região. As cidades precisam se preparar e **resolver problemas antigos**.

Repórter (Cristina Guerra – Santarém, PA): Nós estamos no bairro de Uruará, uma **comunidade pobre** aqui de Santarém, onde a **população vive em palafitas**, estas casas sobre a água. Os moradores **não têm rede de esgoto** e têm que transitar por estas passarelas de madeira, **sem qualquer segurança**.

Narração repórter: Para chegar na casa da Márcia é preciso muito equilíbrio.

Entrevistada: Bastante equilíbrio, né, porque se não tem coragem não passa mesmo.

Narração repórter: É uma **terra de contraste**. A meia hora de Santarém, em Alter do Chão, o mesmo rio Tapajós **chama a atenção pela beleza natural**. [...]

(Jornal Nacional, 30-11-2011)

Como evidenciam as formações discursivas, o conjunto de reportagens do Jornal Nacional contribui para o desprendimento do sentido subjetivo, humano e dinâmico do conceito, fixando-o a uma definição objetiva, inanimada e estática, ao modo do JR. Não é mais a comunidade na qual há a proteção mútua, a segurança, mas sim um espaço que revela o medo, a incerteza; ao invés do querer ficar, o precisar sair; no lugar dos sujeitos politizados estão os criminosos. Um conjunto de pobreza, de faltas; grupos esquecidos, que estão no caminho, segundo análise dos aspectos de formulação no discurso do JN. Como já exposto anteriormente, esta é uma estratégia que caracteriza, que explica, evidenciando o sentido que os sujeitos sociais repassam ao enunciar (FAIRCLOUGH, 2001).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: dois telejornais; uma “nova” comunidade**

Percebemos no discurso utilizado pelo Jornal da Record um controle interacional com forte presença de uma temática que tende majoritariamente a um contexto negativo, conduzindo um tom pejorativo às localidades e coletividades. O controle interacional apresenta-se em desequilíbrio, não sendo característica das estratégias discursivas do JR o destino de muitos turnos de fala a entrevistados. Inferimos quanto ao *ethos* manifestado pelo JR, com relação ao seu posicionamento sobre o uso do conceito de comunidade, que o programa demonstra uma estratégia discursiva que se aproxima ao molde de fala do senso comum. O conceito é amplamente utilizado, pelos repórteres e por apresentadores do telejornal, como sinônimo de favela.

No conjunto, o Jornal Nacional abordou uma extensa gama de temáticas e utilizou o conceito/termo/vocábulo de maneira variada. Nas reportagens do JN encontramos referências que nos remeteram à compreensão epistemológica de comunidade, posicionando-a como conceito e, somado a isso, demonstrando a coletividade como composta por sujeitos na maioria dos casos. Contudo, foram em maior número, aquelas que abordavam a criminalidade, o tráfico de drogas e as operações militares de ocupação e pacificação das favelas. Pela análise dos turnos de fala e estrutura de trocas, percebemos a aproximação do Jornal Nacional com a “voz popular” a partir de uma estratégia diferente. O JN traz a seu discurso, com mais frequência, a participação de pessoas que vivenciam a notícia. Assim, o

Jornal Nacional não transforma sua “voz” para se aproximar da audiência, mas sim traz a audiência até sua “voz”.

Contudo, o que evidenciamos com a análise das estratégias discursivas dos dois telejornais é que há uma conformação similar no discurso de ambos no que se refere à apresentação e representação do conceito de comunidade. Ele é majoritariamente enunciado de maneira a suscitar um sentido vinculativo à favela, ou seja, nominalizado conforme o que diz respeito aos morros cariocas. Embora com diferenças em suas estratégias discursivas, os dois telejornais propõem igualmente uma outra comunidade, que não aquela conforme Tönnies e Buber propuseram; diferente da apresentada por Paiva, Henriques, Esposito e Touraine.

JR e JN veicularam reportagens sobre as ocupações e pacificações; o JN mais otimista, o JR mais sensacionalista, mas uma mesma forma de comunidade nominalizada. Os dois telejornais abordaram uma diversificada gama de temáticas; o JN mais voltado à política e economia, o JR mais ao dia-a-dia, mas no geral uma mesma forma de comunidade nominalizada. Os dois telejornais utilizaram a “voz do senso comum” em seus discursos; o JN somando-a como entrevistados nos turnos de fala, o JR somando-a aos seus turnos de fala, mas no geral uma mesma forma de comunidade nominalizada.

De que comunidade se está falando? A partir das estratégias discursivas no telejornalismo brasileiro consideramos estar-se tratando de uma nova comunidade, que transborda os limites do ser em comum, ficando esquecidas as características subjetivas do entendimento epistemológico e enobrecendo qualidades que vinculam o conceito próximo a constituição material. Deixam-se os laços de cooperação e apoio mútuos e eleva-se um “salve-se quem puder”; tangencia-se uma união como sobrevivência frente à escassez de recursos com uma luta diária pela sobrevivência frente à falta de direitos humanos. Esta comunidade que nos é apresentada pelo discurso telejornalístico deixa passar o conceito e suscita um termo.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz. *Uma experiência de leitura de mídia: do mito da imagem ao diálogo televisual*. Cadernos de Letras (Universidade Federal do Rio de Janeiro) n.26 – junho 2010. Disponível em: <<http://migre.me/bXaI0>>. Acesso em março de 2012.

BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. Coleção Debates.

BROWN, P. & LEVINSON, S.. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CURADO, Olga. *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.

ESPOSITO, Roberto. Nihilismo e Comunidade. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da Comunidade: os novos caminhos do social**. Prefácio de Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel (eds.). **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 179-203.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **Comunicação e mobilização social na prática de polícia comunitária**. Coleção Comunicação e Mobilização Social. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PESQUISA **Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira II**. Relatório da Pesquisa Quantitativa. Instituto de Pesquisa Meta. Governo Federal, 2010. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/pesquisas/2010-12-habitos-ii/2010-12-habitos-de-informacao-e-formacao-de-opiniao-da-populacao-brasileira-ii.pdf>>. Acesso em março de 2012.

PICHLER, P. F. e FOSSÁ, M. I. T. **De que comunidade se está falando?** O conceito a partir das estratégias discursivas em telejornais brasileiros. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, CCSH, PPG em Comunicação, 2012. Disponível em: <http://migre.me/fvmvW>.

\_\_\_\_\_. **O Conceito de Comunidade no discurso telejornalístico: um caso de relexicalização**. Trabalho apresentado na DT Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and Society**. Translated and edited by Charles P. Loomis. East Lansing: Michigan State University Press, 1957. E-book disponível em: <<http://migre.me/bXb0B>>. Acesso em novembro de 2011.

TOURAINE, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.